O circo voador de *Her Majesty*

Monty Python é a melhor tradução do fino humor inglês

GABRIEL RUDGE, RAFAEL WERNECK E MARCELO DUNLOP

"Eu tinha treze, quatorze anos quando vi *Em busca do Cálice Sagrado* e na mesma hora pensei: é isso que eu quero fazer". A frase do humorista Bussunda, do Casseta & Planeta, poderia ter sido dita por Dan Aykroyd, do programa nova-iorquino *Saturday Night Live*, ou por Diogo Vilela, um dos protagonistas do extinto programa carioca TV Pirata, ou ainda por Rowan Atkinson, o Mr. Bean. Todos esses programas e humoristas foram influenciados, em maior ou menor grau, pela trupe inglesa Monty Python. Absolutamente iconoclastas, escatológicos e criadores no cinema do cômico *nonsense*, *pop* e subversivo, não é exagerada a comparação de que eles estão para o humor dos anos 70 e 80 como os Irmãos Marx estão para os anos 30 e 40.

Três décadas após estrearem, em outubro de 1969, na televisão inglesa BBC, a coletânea *A vida de Python* – uma brincadeira com o filme original *A vida de Brian* – foi lançada como uma edição comemorativa pela própria rede londrina. Dividida em três volumes, a primeira parte, *It's... the Monty Python History*, traz algumas cenas clássicas das duas primeiras temporadas da série de TV e cenas do filme *A Vida de Brian*, como a antológica cena do apedrejamento em praça pública e do soldado romano dando aulas de latim em pichações aos muros de Roma.

Graham Chapman, John Cleese, Terry Gilliam, Eric Idle, Terry Jones e Michael Palin estrearam na BBC 2 para tapar o buraco de um programa religioso da emissora

Segundo Donald Liebeson, do *site* Amazon.com, de vendas de livros e afins pela internet, o volume dois é um presente para os antigos fãs do grupo. São cenas nunca antes vistas fora da Inglaterra, com apresentações locais do sexteto em festivais e com esquetes de 10 minutos, no estilo de *E agora para algo completamente diferente*, o segundo filme do Monty Python. A segunda parte da coletânea traz entrevistas com alguns dos fãs e artistas influenciados pelos "ingleses loucos", como Trey Parker e Matt Stone, criadores de South Park, que produzem um tributo animado chamado *The Dead Kenny sketch*; e o cantor MeatLoaf, que faz um musical inspirado na trilha sonora desconcertante dos filmes "pythonianos". O volume três também traz novidade: *The Lost German Episode*, criado originalmente para a televisão alemã. São materiais que remontam aos melhores anos do grupo, cuja trajetória foi tão interessante quanto a sua produção.

Foi por ironia do destino, um dos temas recorrentes de seus filmes, que Graham Chapman, John Cleese, Terry Gilliam, Eric Idle, Terry Jones e Michael Palin estrearam na BBC 2 para tapar o buraco de um programa religioso da emissora. A religião, aliás, jun-

Eric Idle (à esquerda), Graham Chapman, Michael Palin, John Cleese, Terry Jones e Terry Gilliam: nonsense

tamente à política, à razão filosófica e ao saber científico, além, é claro, do sexo, era um dos motes do sarcasmo do grupo.

Recrutados de diversos programas humorísticos pelo produtor Barry Took, o sexteto ficou no ar até dezembro de 1974. O início, entretanto, foi encarado com a indiferença tipicamente britânica do produtor inglês: "Se fracassar, acaba logo, ninguém vai perceber. E se for um sucesso, dificilmente arruinará suas carreiras". O êxito não demorou, fruto do veneno destilado contra judeus, árabes, protestantes e católicos, denunciando com sutil acidez os embates religiosos, ainda tão atuais, na Irlanda e no Oriente Médio. Não foi à toa que um dos seus filmes mais cultuados, *A vida de Brian*, que faz troça com passagens da Bíblia e em especial com a vida de Cristo, teve sua exibição vetada em alguns países, como na própria Irlanda.

Todos os integrantes do grupo tinham formação universitária em cadeiras como Direito, Língua Inglesa e Medicina, em escolas conceituadas como Oxford, Cambridge e Harvard.

A razão para o sucesso do Monty Python, acredita-se, está fundamentada na educação de seus membros: todos têm formação universitária em cadeiras como Direito, Língua Inglesa e Medicina, em escolas conceituadas como Oxford, Cambridge e Harvard. A interseção de conhecimentos unida à capacidade satírica e desconstrutiva, foi o que permitiu a criação de cenas antológicas como um *quiz-show* entre Mao-Tsé Tung, Karl Marx, Freud e Lênin, respondendo a perguntas sobre futebol inglês; e a incrível partida entre os filósofos alemães e gregos, apresentada no *show* em Los Angeles que

deu origem ao filme *Ao vivo no Hollywood Bowl*. Sócrates, autor do gol, com uma cabeçada nos minutos finais do jogo, é exaltado pelo narrador por "finalmente ter usado bem a cabeça".

No quadro, os 22 jogadores, com exceção de um perdido Beckenbauer (ex-jogador e ex-técnico da seleção alemã), vagam em campo, reflexivos, sob os olhares atentos do trio de arbitragem: Confúcio, São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Subitamente, Arquimedes exclama "Éureka!" e desperta a seleção grega, até a consagração final do antes apático Sócrates.

Os fãs ainda lamentam a separação do grupo, ainda mais em tempos em que o humor fino, irônico e subversivo tem dado lugar à banalidade e a temas batidos.

Após o sucesso dessas e outras pérolas humorísticas – como *E agora para algo completamente diferente*, que apresenta esquetes da televisão e comerciais aparentemente sem-sentido (como a pasta de dente americana Crell, "que protege seus dentes contra a cárie do comunismo"); *Em busca do Cálice Sagrado*, que desponta como um dos cinco títulos mais vistos nos cinemas de arte dos EUA(!!); e *O sentido da vida*, que faz deboche das especulações metafísicas, de Kant e companhia, sobre a existência humana –, o grupo ainda se reuniu parcialmente uma vez mais, representados por John Cleese e Michael Palin, na comédia *Um peixe chamado Wanda* (1988), mas sem o mesmo brilho do Monty original. O filme, que não deixa de ser hilário, rendeu um Oscar de melhor ator coadjuvante para Kevin Kline, ainda pouco conhecido na época.

O único americano do grupo, e o último a integrá-lo, foi o atual diretor Terry Gilliam, que antes havia sido ilustrador da revista Mad. Gilliam dirigiu alguns filmes famosos e premiados como *Brazil - o filme* (1985) e *Os doze macacos* (1995). De todos, foi o que melhor consolidou uma carreira. John Cleese continua no ramo humorístico e é protagonista de séries humorísticas da BBC, além de participar como coadjuvante de filmes de menor expressão como *George of the Jungle*. Eric Idle adotou o cinema americano, como ator e compositor de trilhas sonoras. O restante, ao que parece, sumiu pouco a pouco do grande circo eletrônico.

Os fãs ainda lamentam a separação do grupo, ainda mais em tempos em que o humor fino, irônico e subversivo tem dado lugar à banalidade e a temas batidos. Em 2000, a BBC deu um brinde ao público com alguns documentários e entrevistas com os membros de Monty Phyton (com exceção de Eric Idle, que se recusou a participar do encontro e de Graham Chapman, falecido em 89, vítima de câncer na garganta), além de uma coletânea de *performances* nunca antes mostradas. Uma boa oportunidade para visitar o mundo "pythonesco" (que, aliás, na Inglaterra é neologismo há muito tempo reconhecido pelo renomado dicionário Oxford), tanto para os que já o conhecem de longa data, quanto para os debutantes. Ainda que sem o mesmo picadeiro, o circo ainda voa, *nudge, nudge*, e todos estamos mesmo precisando de umas boas risadas.

Filmografia:

- **Monty Python´s Flying Circus (1970)**
- **E agora, para algo completamente diferente (1972)**
- **Em busca do Cálice Sagrado (1975)**
- **A vida de Brian (1979)**
- **Monty Python ao vivo no Hollywood Bowl (1982)**
- **O sentido da vida (1983)**

Considerado o melhor filme do grupo, A vida de Brian *é nome certo nas listas das dez maiores comédias de todos os tempos*